

ARQUEOLOGIA Adaptação do homem aos trópicos adotou um padrão original

Como viviam os primeiros brasileiros

Pedro Ignácio Schmitz*

Instituto Anchieta de Pesquisas (diretor),
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)/RS

A representação de como teriam vivido os primeiros habitantes do cerrado brasileiro, quinhentas gerações atrás, ainda costuma ser marcada por modelos desenvolvidos em áreas frias da América do Norte e da Europa. Pesquisas arqueológicas em desenvolvimento nas áreas tropicais do Brasil vêm, lentamente, esboçando um panorama diferente, que procuramos apresentar neste artigo.

O Velho Mundo estava povoado quando os primeiros seres humanos pisaram na América. A fronteira se abriu para esse continente quando o gênero humano tinha evoluído física e psicologicamente, e a espécie *Homo sapiens* era seu único representante.

Havia só uma travessia para chegar à América, pelo norte, passando da Sibéria para o Alasca, mas essa passagem estava atravancada por gelos, tanto no lado asiático quanto no americano. Mesmo assim, foi por ali que o ser humano atravessou de um continente para outro. Se a passagem se deu por um corredor livre de glaciação na terra, ou através da navegação em pequenos botes ao longo da costa, é uma questão ainda controversa para os cientistas. O período em que teria ocorrido essa transposição – há 50 mil, 30 mil ou 15 mil anos – ocupa a mente não só de arqueólogos, como também de geneticistas, lingüistas e físicos.

Na época, a população mundial ainda era pouco densa e vivia dos recursos disponíveis no reino animal, vegetal e mineral; não existia civilização com cidades, estados e classes sociais, nem aldeias baseadas no cultivo de plantas e animais domésticos.

A população migrante passa a ser mais claramente percebida nas terras altas do Brasil a partir de 12 mil anos atrás, ao final da última grande glaciação, quando o clima se tornava mais ameno e úmido e a vegetação se adensava, oferecendo novos recursos.



FOTOS PEDRO SCHMITZ

Figura 1. Sítios arqueológicos antigos nas savanas tropicais: 1. Alto Sucuriú, MS; 2. Serranópolis; 3. Rio do Peixe; 4. Caiapônia; 5. Uruaçu; 6. Formadores do rio Tocantins, GO; 7. Rio Paraná; 8. UHE Serra da Mesa, TO; 9. Serra do Cipó; 10. Varzelândia; 11. Vale do Peruaçu, MG; 12. Serra Geral, BA; 13. Itaparica; 14. Bom Jardim, PE; 15. Rio Açú; 16. Litoral, RN; 17. São Raimundo Nonato, PI

Aparência diversa

Segundo antropólogos físicos, esses humanos, mesmo sendo todos da espécie *Homo sapiens*, não teriam aparência física uniforme. Os mais antigos, anteriores a 8 mil anos, podem ter tido feições ‘negróides’, ou negróide-australóides, como a Luzia, encontrada na região de Lagoa Santa (MG), que teria existido entre 11 mil e 11,5 mil anos atrás. As populações posteriores a 8 mil anos atrás, incluindo todos os índios conhecidos no continente, têm feições reconhecidamente mongolóides. Para colocá-las em uma ou outra categoria, estudam-se características biológicas, hereditárias, marcadas nos ossos do esqueleto, em especial da cabeça, onde a forma dos dentes é um traço muito importante para distinguir, por exemplo, populações mongolóides. A partir dos ossos também é possível modelar as feições externas, como foi feito com a Luzia, em um laboratório especializado do Primeiro Mundo, para visualizar como teria sido o indivíduo quando vivo (ver ‘Jóias de Lagoa Santa’, em *CH* nº 153).

Ao supormos que os primeiros povoadores tinham feições negróides, não estamos afirmando que eles tenham vindo da África, do sul da Ásia ou da Ocea- ▶

* Colaborou na elaboração do texto o arqueólogo Fúlvio Vinícius Arnt, do Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos.

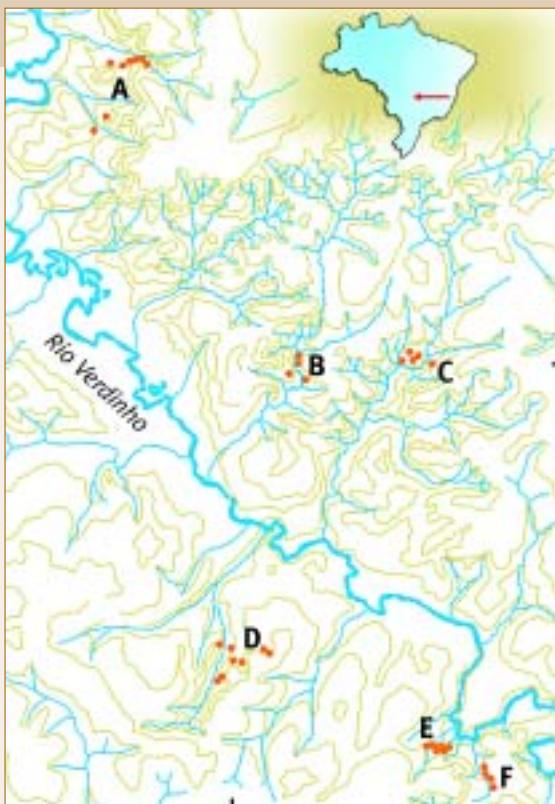


Figura 2.
Área de
Serranópolis,
com os grupos
de sítios

nia, onde as populações negróides predominavam, e que só os povoadores posteriores tenham vindo do leste da Ásia, hoje predominantemente mongolóide. Todos teriam vindo do continente asiático, pela região do estreito de Bering, já biologicamente diferenciados em negróides e mongolóides antes da migração, ou os primeiros humanos teriam chegado à América quando as feições negróides e mongolóides ainda não estavam plenamente definidas, completando-se aqui o processo de caracterização.

Estabelecimentos brasileiros antigos desses migrantes foram localizados principalmente nas áreas hoje cobertas por cerrados e caatingas (figura 1). Eles aparecem, mais freqüentemente, em grutas e abrigos rochosos, onde espessas camadas de resíduos de fogueiras, restos de alimentos, artefatos em pedra e osso atestam sua presença. O arqueólogo desvenda a história inscrita nessas camadas, removendo os sedimentos, muitas vezes, só com um pincel de cabe-

lo, para não deslocar os materiais enterrados e não prejudicar eventuais esqueletos humanos. O carvão, que forma grande parte do depósito e provém de fogo mantido aceso dia e noite, no acampamento, através da radioatividade remanescente (C¹⁴), lhe proporciona a datação absoluta dos eventos. As pinturas que recobrem as paredes hoje também podem ser datadas.

Além das grutas e abrigos rochosos, o arqueólogo estuda os acampamentos a céu aberto junto aos rios, ou sobre as colinas e chapadas, onde os antigos habitantes buscaram alimento, matéria-prima e também espaços rituais. Esses acampamentos proporcionam novos elementos para entender o deslocamento diário, estacional ou anual dos povoadores.

Entre os já numerosos sítios arqueológicos brasileiros datados de 12 mil e 8 mil anos atrás, o município de Serranópolis, no sudoeste de Goiás, é um lugar privilegiado para conhecer o modo de vida desses primeiros habitantes (figuras 2, 3 e 4). Ali, o ambiente era favorável não só para acampamentos passageiros, mas também para uma instalação duradoura em grandes abrigos rochosos, em que supostamente viviam com conforto as dezenas de pessoas que formavam a sociedade inicial. A conjunção de ambientes variados, com matas, cerrados, campos de altitude, veredas de buritis, um rio de porte médio e córregos permanentes, oferecia recursos vegetais, animais e minerais suficientes para o estabelecimento de muitas gerações sucessivas. De fato, nos 40 abrigos do lugar, conserva-se o testemunho bem preservado de 11 mil anos de história (mais de 500 gerações), começando com os primeiros moradores indígenas e terminando só com a instalação de fazendas de criação, plantação de café e agricultura de subsistência do século 19.

Esta área tornou-se conhecida porque, a partir de 1975, o Instituto Anchieta de Pesquisas, da Unisinos, e a Universidade Católica de Goiás realizaram escavações na maior parte desses abrigos e dataram abundantemente as ocupações (figuras 5 e 6). As camadas arqueológicas, às vezes com 3,6 m de



Figura 3. Pequenos abrigos no vale do rio Verdinho, Serranópolis



Figura 4. O abrigo mais importante, com 1.300 m² e camadas arqueológicas de 170 cm de espessura

espessura, contêm cinzas, carvão, instrumentos de pedra, osso e concha abundantes e restos de alimentos de origem vegetal e animal bem conservados. A partir de 8,5 mil anos atrás até a ocupação branca, também surgem numerosas sepulturas de homens, mulheres e crianças.

A presença humana

Pelos materiais recuperados é possível saber que três populações habitaram, sucessivamente, esses abrigos: a primeira, de 11 mil a 8,5 mil anos atrás (± 125 gerações), identificada pelos arqueólogos como fase Paranaíba; a segunda, a partir dessa data e possivelmente até perto do começo de nossa era (talvez umas 300 gerações), identificada como fase Serranópolis; a terceira, de 500 anos depois de Cristo até a ocupação branca da área (talvez umas 50 gerações), identificada como fase Jataí. As diferenças entre essas fases estão na subsistência, na tecnologia, nos artefatos e em outros elementos de sua cultura.

Os abrigos rochosos do local formam seis agrupamentos junto a córregos permanentes que descem da alta chapada. Cada um desses agrupamentos constituiria uma unidade de estabelecimento, uma comunidade; os abrigos individuais eram ocupados diferencialmente de acordo com o tamanho da cobertura rochosa, a insolação durante o dia, a ventilação, a facilidade de acesso, a proximidade da água e de outros recursos naturais. Abrigos grandes poderiam conter toda a população local, mas abrigos menores seriam cômodos para pequenos grupos da comunidade.

Os agrupamentos de abrigos com maiores recursos seriam ocupados de forma continuada por gerações sucessivas. Dali os moradores saíam para a caça e a coleta de frutos nos diversos ambientes da região, de acordo com as estações do ano; eventualmente saíam pequenos grupos para se estabelecerem temporariamente em locais afastados que tivessem recursos adequados.

De fato, além dos seis conjuntos de Serranópolis, em um raio de 200 km existem sítios arqueológicos pouco densos, que podem corresponder a essas excursões e ocupações temporárias. Mas os sítios centrais eram o endereço, no qual se detinham por longo tempo, de forma estável, e aos quais sempre voltariam. Essa permanência não está representada só pela densidade do material (mais de 80 mil restos em uma escavação de 2,5 m de lado e 40 cm de espessura em um dos abrigos), mas também pela intensidade com que os instrumentos produzidos foram usados e reciclados, antes de seu abandono definitivo.

Os elementos culturais que identificam a primeira ocupação permanecem por mais de 120 gerações humanas. Essa população vivia da apropriação generalizada dos recursos animais e vegetais da região.

Eram apanhados animais de toda espécie: vea-



Figura 5. Uma área em escavação. Na parede, à esquerda, é possível ver a sucessão das camadas arqueológicas

dos, porcos-do-mato, tatus, gambás, macacos, carnívoros variados, roedores – incluindo numerosos ratos –, lagartos, serpentes, tartarugas, jacarés, aves do tamanho da perdiz, mas também emas e especialmente ovos de ema. Nesse tempo ainda sobreviviam no planalto os grandes animais da glaciação que findava, com os quais o homem podia se encontrar ocasionalmente, mas os abundantes restos alimentares, conservados em diversos abrigos, não comprovam que sua carne tenha sido consumida.

Esses humanos tinham à disposição também imensa variedade de frutos do cerrado, especialmente no período da chuva. Desses, sobreviveram somente partes carbonizadas de cocos variados, de jatobá, de caju, de murici e de leguminosas não identificadas. Um testemunho indireto do consumo de sementes e frutas são as pedras lascadas ou polidas com forma de prato, ainda impregnadas com a resina ou seiva dos frutos neles esmagados.

Principais artefatos

O material mais abundante em todas as camadas é o produzido em pedra (figura 7). Matéria-prima de boa qualidade para a produção de instrumentos lascados, polidos, ou usados sem modificação, era abundante dentro dos abrigos e nos arredores.

Com os restos recuperados é possível reconstituir o processo do lascamento. Os grandes blocos de arenito silicificado, que se desprendem dos paredões, eram percutidos com blocos menores ou seixos, para produzir inicialmente lascas grandes e, depois, lascas menores, que podiam ser transformadas em instrumentos, deixando para trás dezenas de milhares de refugos, para pequeno número de artefatos acabados. As peças boas eram usadas e, quando embotavam, ou quebravam, eram reparadas até se tornarem imprestáveis.



Figura 6. Um sepultamento antigo, ao redor de 8.500 anos atrás



Figura 7. Instrumentos em pedra lascada: em cima, quatro raspadores em forma de quilha de barco e uma ponta de dardo; embaixo, duas facas e dois talhadores

Bem representativos entre estes artefatos são lâminas primitivas de machado, necessárias na apropriação e no manejo de madeira. Os instrumentos lascados mais característicos, entretanto, são longos raspadores, em forma de quilha de barco, usados no acabamento de variados artefatos. Como viviam cercados de árvores, a madeira teria sido usada de muitas formas, mas dela só recuperamos o carvão das fogueiras, que serviam tanto para aquecer e iluminar o ambiente quanto para preparar o alimento.

Muita utilização tinham também lascas naturalmente cortantes ou cuidadosamente retocadas, produzidas intencional ou acidentalmente no retalhamento dos blocos. E as armas de caça? Pequenas lâminas, com pedúnculo e aletas, rudemente talhadas, poderiam ser tomadas como pontas-de-dardo. São escassas e, por sua rudeza, teriam pouca utilidade. Grande sofisticação em pontas de pedra talvez não fizesse sentido para os animais que apanhavam; pontas de madeira poderiam ser até mais efi-



Figura 8. Instrumentos de osso: uma ponta e três espátulas

cientes. Com ossos longos de mamíferos e aves produziam espátulas típicas e outros artefatos, necessários para as atividades diárias (figura 8).

As numerosas pinturas e gravuras das paredes, que estavam presentes em todos os momentos da vida, davam ao assentamento um tom doméstico, identificavam o lugar e o grupo residente e eram permanente alerta para ocasional visitante descuidado (figuras 9 e 10).

Nessa etapa de ocupação não encontramos sepultamentos e não sabemos o que faziam com os seus mortos.

Diferenças entre o Sul e o Norte

A partir dessas informações, podemos constatar que a imagem dos primeiros ocupantes do planalto brasileiro é diferente daquela que nos é apresentada a respeito dos primeiros habitantes das planícies da América do Norte. Lá, há pequenos grupos humanos especializados em seguir e caçar grandes animais gregários, rápidos e perigosos, sobreviventes da glaciação como os bisontes e os cavalos; para acompanhá-los, acampam a céu aberto na planície; para alcançar a presa com segurança, usam projéteis com grandes pontas de pedra, altamente cortantes. O resultado é um caçador itinerante especializado nessa caça, que usa animais pequenos e frutas como suplemento alimentar.

Já no planalto brasileiro, encontramos populações bastante estabilizadas, vivendo em ambientes variados, com muitos abrigos naturais, animais diversificados, médios a pequenos, solitários, residentes, não ofensivos, de espécies atuais, e uma imensa variedade e abundância de frutas – recursos que podem ser alcançados a partir de estabelecimentos centrais, em pequenas excursões, usando estratégias variadas de apropriação, sem necessidade de armas especializadas.

Em áreas do planalto em que os recursos estavam mais dispersos e faltavam confortáveis abrigos, a estabilidade era menor, mas nem ali parece se realizar o modelo de uma população que migra sem endereço fixo e sem território.

Dessa forma, milênios antes de Cristo, vê-se instalado nos cerrados e caatingas tropicais do Brasil, um caçador e coletor generalizado, com relativa estabilidade nos lugares onde os recursos são mais densos, e com povoamento mais fluido, mas também territorialmente limitado naqueles em que estão mais dispersos. Uma adaptação original. ■

Figura 9. Pinturas cobrem as paredes dos abrigos habitados



Figura 10. Gravações na rocha mole se intercalam com as pinturas

